

ACUENDAÇÕES DO CORPO EM LINN DA QUEBRADA

Iago Moura Melo¹

RESUMO

Nesta pesquisa, proponho-me a compreender a textualização do corpo em formulações de Linn da Quebrada, recortadas de seu álbum musical *Pajubá* (2017). Construo minha escuta analítica a partir do dispositivo teórico fornecido pela Análise de Discurso Materialista, conforme o quanto proposto pelos estudos de Michel Pêcheux e seu círculo, na França, e por Eni Orlandi e demais pesquisadores, no Brasil. Desde o aludido horizonte conceitual, o discurso é havido enquanto materialidade específica da ideologia, lugar em que a língua, encravada na história, produz sentido. O corpo, nessa perspectiva, já é sempre significado, textualiza a memória, tal como essa se atualiza em relação ao acontecimento na formulação. Afetado pelo político, o corpo, em sua opacidade constitutiva, faz-se lugar de resistência e de subversão de sentidos. Para a elaboração de meus gestos de análise, ainda, aproprio-me, desde uma perspectiva discursiva, da filosofia do corpo de Paul Beatriz Preciado, no que se refere à analidade. Tenho como objetivo analisar a significação do cu nas formulações de Linn da Quebrada, pelas quais o corpo bixa-travesti se textualiza mediante efeitos paródicos (acuendações). O cu, como o compreendo, acuenda o corpo em seu real, isto é, na pele. É o encontro do que denomino memória fálica com o acontecimento enunciativo de uma formulação dídica.

Palavras-chave: corpo, analidade, memória fálica, formulações dídicas.

INTRODUÇÃO

A privatização do ânus, se diria seguindo o *Antiédipo*, é um passo essencial para instaurar o poder da cabeça (logo-ego-cêntrico) sobre o corpo: “só o espírito é capaz de cagar”.

Néstor Perlongher

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados.

Paul B. Preciado

Herbert Marcuse (1975[1955], p. 61), na síntese que elabora entre a filosofia marxista e a psicanálise freudiana, denuncia o fato de que, em relação ao contexto mais-repressivo que determina o modo de produção capitalista, “[...] as perversões expressam a rebelião contra a subjugação da sexualidade à ordem de procriação e contra as instituições que garantem essa ordem”. As assim chamadas “perversões”, portanto, no exercício de sua sexualidade polimorfa, assediam o princípio de realidade pelo descontínuo que introduzem no ritual da (re)produção, não apenas garantida em nível infraestrutural, na leitura que faço, mas também licenciada na

¹ Doutorando e mestre em Letras (UESC). Graduado em Direito (UESC). Membro do Coletivo de trabalho: discurso e transformação (Contradit). Membro do Grupo de estudos discursivos (GED/UESC). Membro do Grupo de estudos pecheutianos (GEP).

superestretura, a partir do assujeitamento ideológico, cujo funcionamento é enunciado por Louis Althusser (1980[1971]) e, de um ponto de vista discursivo, por Michel Pêcheux (2014[1975]). O corpo, parcialmente dessexualizado, cumpre seu suposto destino anatômico na genitália, o que se valida com a foraclusão do cu. As ditas “perversões” reinscrevem a sexualidade anal no social, de onde sua rebelião contra o Pai, o Édipo, o Falo. Os gozos-outros, pretensamente dessignificados, portam o impossível da civilização e de sua realidade: o real do corpo.

Nesse sentido, na incitação à uma sexualidade normal, monogâmica e heterossexual-reprodutiva, está implicada a privatização do cu para que se possa edificar o poder da cabeça (logo-falo-egocêntrico), como enunciado na primeira epígrafe. É nesse sentido que leio o funcionamento de “[...] uma tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade” (PRECIADO, 2017[2000])². Tal funcionamento está, assim, em meu modo de ver, sobredeterminado pela dicção silenciadora da ideologia dominante, tal como essa se inscreve e se reitera no ritual de individuação do corpo, dissimulando o seu real epidérmico³, em nossa formação social capitalista. Proponho-me, nesse seguimento teórico, a compreender a textualização do corpo em formulações de Linn da Quebrada, recortadas de seu álbum musical *Pajubá* (2017). As unidades discursivas serão descritas e interpretadas em torno da seguinte questão de análise: como o cu é significado nas formulações de Linn da Quebrada, pelas quais o corpo bixa-travesti se textualiza? Para a elaboração de meus gestos de análise, aproprio-me, desde uma perspectiva discursiva, da filosofia do corpo de Paul Beatriz Preciado (2009[2000], 2017[2000]), no que se refere à analidade.

Como está dito na segunda epígrafe, o corpo é um texto construído no social, é arquivo da história, aqui pensada como opaca e constitutiva. Partindo da distinção entre texto e discurso (ORLANDI, 2001), o corpo se formula enquanto texto, mas só pode ser, em dado sentido, texto, porque já sempre é discurso, tomado no plano de sua opacidade material. Construo, nesse seguimento de ideias, a minha escuta do corpo a partir do dispositivo teórico fornecido pela Análise de Discurso Materialista, conforme o quanto proposto pelos estudos de Michel Pêcheux e seu círculo, na França, e por Eni Orlandi e demais pesquisadores, no Brasil⁴. Desde o aludido

² Em sentido semelhante, v. Marcuse (1975[1955]).

³ Partindo de Preciado (2009[2000], 2017[2000]), proponho compreender a epiderme, ou ainda, o “tubo epidérmico”, como quer o autor, como o real do corpo, de onde poderia ser proposto um estudo dos corpos imaginários que se constituem em nossa formação social.

⁴ A Análise de Discurso Materialista surge na França, em 1969, com a publicação do texto *Análise automática do discurso*. Depois dessa publicação e após sucessivas retificações, a disciplina se consolida enquanto uma semântica

horizonte conceitual, o discurso é havido enquanto materialidade específica da ideologia, lugar em que a língua, encravada na história, produz sentido. A língua, cujo real é a incompletude, significa porque o sentido já está lá, antes e independentemente; projeta-se do Outro (interdiscurso) em que o “dizível” socio-historicamente possível se regionaliza em lugares mais ou menos provisórios, não-idênticos (em si e entre si), dinâmicos e contraditórios, denominados formações discursivas. O corpo, nessa perspectiva, já é sempre significado, textualiza a memória, tal como essa se atualiza em relação ao acontecimento na formulação. Afetado pelo político, o corpo, em sua opacidade constitutiva, faz-se lugar de resistência e de subversão.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa discursiva, que obedece a um princípio filosófico-epistemológico de ordem materialista, cujo mérito reside em perceber que as ideias são determinadas por práticas, ou melhor, já são sempre efeitos de práticas intrincadas no funcionamento da ideologia, tal como essa se materializa no discurso e esse último na língua. Parte-se da tese de que o mundo material existe, mas que a linguagem, imperfeita ferramenta, não pode apreendê-lo em si, somente significá-lo. Os gestos de análise são elaborados a partir de *corpus* de arquivo (COURTINE, 2009), sempre aberto à história, eminentemente escrito, constituído inicialmente pelo álbum musical *Pajubá* (2017), de Linn da Quebrada. As unidades discursivas analisadas na sessão “resultados e discussão”, a partir da questão de análise acima citada, estão implicadas na compreensão de que o texto é um todo em que os recortes se organizam (ORLANDI, 1984). O dispositivo teórico-analítico de “tratamento” do *corpus*⁵, constituído a partir de pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, será apresentado a seguir, na seção “desenvolvimento”.

DESENVOLVIMENTO

discursiva, que trata da constituição do sentido para além da suposta imanência absoluta do sistema da língua. V. ainda de Pêcheux, *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014[1975]), *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2015[1983]), dentre outros. No Brasil, a AD materialista é introduzida por Eni Orlandi, no Brasil, em 1970, e, com a publicação de *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, em 1983, ela inicia o seu trajeto rumo à institucionalização como disciplina.

⁵ O conceito de dispositivo teórico-analítico se opõe ao dispositivo ideológico de interpretação. Aquele parte do distanciamento em relação ao objeto, para que se possa fazer emergir o (inter)discurso, isto é, o “exterior” constitutivo que comparece em todo gesto de interpretação textualizado nas formulações, fazendo intervir a ideologia e o inconsciente. Nessa ótica, o dispositivo teórico-analítico atua na compreensão do “como” da interpretação. Já o dispositivo ideológico trata do discurso como já-lá, dado como positividade imanente, em que o sentido, havido como conteúdo, supõe-se impresso como verdade da formulação. Assim, o dispositivo ideológico funciona na circularidade especular, no ser do texto, enquanto em si e para si, isto é, entifica-o.

A análise de discurso materialista (doravante AD) se situa no espaço contraditório entre linguística, materialismo histórico-dialético e psicanálise (de base freudo-laciana). Isso corresponde, em termos epistêmicos, a um olhar bastante específico em relação, sobretudo, a três categorias teóricas, quais sejam: sujeito, sentido e discurso. O sujeito, recalcado pela linguística saussuriana, comparece como efeito de uma inscrição ideológica na ordem do simbólico, inscrição que é também divisão: dos sujeitos e dos sentidos. O sentido não é em si, em relação àquilo que pretende designar, e não se faz na imanência absoluta do sistema da língua, como se pudesse contornar a “exterioridade” que o afeta relativamente. Pelo contrário, ele é trabalhado em relação a esse “exterior”, constitui-se no (inter)discurso. A teoria da superestrutura ideológica, que emerge a partir do materialismo histórico-dialético, então, permitirá ler a ideologia, não como conteúdo, mas como o mecanismo em funcionamento, que efetua a naturalização imaginária da relação significante/significado e desses com o mundo circundante.

O sujeito não é sujeito sem ideologia. Pelo contrário, é pela interpelação ideológica que ele é investido enquanto tal, o que, no discurso, está representado na forma como esse sujeito se relaciona com a matriz de sentido (formação discursiva) que o governa, retomando dela sentidos pelos quais se inscreve em sua realidade e nela se engaja a partir das mais diversas práticas. É objeto de trabalho aqui, como se pode notar, não o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, para quem o sentido se comporta como se fosse seu e não pudesse ser outro. No teatro de sua consciência, o sujeito não compreende que o sentido o antecede, isto é, que uma palavra só produz sentido em uma dada formulação⁶, porque ela já tem sentido, isto é, porque o sentido já está constituído naquilo que, em AD, denomina-se interdiscurso. Desde essa tomada de posição teórica, é imaginária a evidência de que o sentido se origina no sujeito, ou ainda, de que esse sentido esteja, de algum modo, “dado”, à revelia da história, como literalidade. Pelo contrário, sentidos são sempre efeitos. Efeitos da tensão irreconciliável entre duas materialidades: a da língua e a da história.

A aludida tensão tem, no discursivo, o lugar de sua inscrição. E é assim porque é nele que a ideologia funciona, (re)produz realidade como “a” realidade. Em dadas condições de produção sócio-históricas, é no discurso que se dão os efeitos de sentido de que falamos acima, na dinâmica material de interlocução. Há, portanto, aquilo que, de dada posição-sujeito, numa

⁶ O conceito de formulação, cf. Orlandi (2001), é fundamental para compreender o texto. A autora entende que, na produção discursiva, há três planos inseparáveis, quais sejam: a constituição (domínio do já-dito, também denominado interdiscurso ou ainda memória do dizer), a formulação (o dito, o intradiscurso, lugar em que a memória se atualiza pela narratividade) e a circulação (trajetos pelos quais o dizer se movimenta e se especializa).

dada conjuntura, inscreve-se no “possível” enquanto “dizível”, isto é, formulável. De outra parte, há o “impossível”, o socio-historicamente não-formulável, isto é, o real, aqui articulado como o “insuportável” do dito contrato social.

Ao partir desses pressupostos teóricos, compreende-se o corpo como já-sempre significado, lugar de textualização da memória, tal como essa se atualiza em relação ao acontecimento na formulação. Afetado pelo político, o corpo, em sua opacidade constitutiva, faz-se lugar de resistência e de subversão. É, então, por considerar a materialidade do sujeito, que o corpo significa (ORLANDI, 2017[2012]). Se, como a história e a língua, o sujeito é opaco, ele o é em razão de sua materialidade, em que se fazem intervir as questões da ideologia e do inconsciente:

[...] em sua materialidade, os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora de lugar (ORLANDI, 2017[2012], p. 87).

A opacidade do corpo, assim, é aquilo mesmo o que convoca diferentes gestos de interpretação quando da formulação. Ao conceber essa relação corpo-sujeito, é que podemos supor, na esteira de Orlandi, a existência de uma forma-histórica do corpo, responsável por outorgar, de modo contraditório, sentidos aos corpos implicados no social. O corpo significa e nesse seu caráter eminentemente simbólico, e imaginário, ou ainda dividido, é que o tomamos⁷. Como texto e discurso. Texto porque discurso. Discursos que se textualizam, formulam-se pelo equívoco, na incompletude, em diferentes gestos de interpretação. No corpo, confrontam-se o simbólico e o político, pois “[...] o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível” (ORLANDI, 2017[2012], p. 93). A escuta do corpo que tenho em vista, portanto, passa pela consideração da materialidade do sujeito, do caráter opaco e dividido do corpo que acredita seu. Se pudermos concordar que o corpo do sujeito está atado ao corpo social e, em alguma medida, mantivermos acordo quanto ao fato de que esse social é determinado pelo modo de produção capitalista, cujas condições de reprodução se garantem no ritual de interpelação ideológica; então, podemos considerar o corpo enquanto afetado pela ideologia: um corpo interpelado, já-sempre significado, disputado na e pela contradição. Entretanto, tanto como é certo que há ritual, certo é também que nele há falhas,

⁷ Como disse acima, copreendo que o real do corpo é a pele.

possíveis, transformações, resistência. E, a memória, constitutiva dos corpos que se formulam no dizer, pode, assim, atualizar-se na forma como ela se conta, isto é, em sua narratividade⁸:

Na formulação, corpo e sentido se atravessam, e de tal modo, [...] que formular é dar corpo aos sentidos [...]. Dessa forma, o sujeito, ser histórico e simbólico, tem seu corpo ligado ao corpo dos sentidos. Sentido e sujeito se constituindo ao mesmo tempo, eles têm sua corporalidade articulada, no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Encontro em que se materializa o sujeito (ORLANDI, 2017, p. 33).

No corpo se narra a memória. Essa não corresponde à lembrança, já que destoa do psicologismo. Ela textualiza, ao revés, os processos de individuação de um sujeito na sua relação com o Estado capitalista. Pensado discursivamente, o corpo-memória, atesta o real da história (ORLANDI, 2017). Está investido da contradição de classe, a qual governa as contradições de gênero, raça e etnia. Ao compreender o corpo implicado no discurso, como uma questão de materialidade do sujeito, passo ao cu. Nesse sentido, pensar o cu é pensar o corpo, tomando-o metonímico-metaforicamente. O cu, como cu-de-um-corpo, é social, investido de sentidos, lugar de contradição, resistência, subversão. O cu é, certamente, significante. Tendo em conta, todavia, a dinâmica de nossa formação social capitalista e retomando a já interpretada primeira epígrafe deste texto, entendo que o cu é objeto de silêncio. Uma vez foracluído do social, por efeito da ideologia, que naturaliza, no imaginário dos sujeitos, a evidência de uma sexualidade eminentemente genital, o cu é dessignificado enquanto lugar de prazer.

Partindo do conceito de silêncio constitutivo, nos termos de Orlandi (2007[1992]), compreendo que, para dizer, (re)dizer e estabilizar a sexualidade genital como natural, é preciso não dizer o cu, não deixar que ele se diga como órgão sexual. Trata-se de um silenciamento que atua na constituição do dizer, no Outro (interdiscurso), mas que reverbera na formulação. A esse efeito, duplamente silenciador, denomino aqui “mais-silenciamento”. Por ele, produz-se um corpo mutilado (mais-dividido) pela falta de um significante no Outro. Nesse sentido, recupero aquilo que Preciado (2009[2000]) elabora como castração anal. Mediante a dissimulação ideológica desse andaime, o edifício capitalista convoca o imaginário eficaz de um cu cerrado, na origem mesma do corpo privado. Emerge, então, o pênis como significante despótico de um corpo-castrato. O silêncio, na forma como o estamos a compreender, então,

⁸ O conceito de narratividade, cf. Orlandi (2017), distingue-se da noção de narrativa, pelo fato de que aquele designa o funcionamento da memória constitutiva, efeito que permite contar uma história coerente na formulação de um texto. É, portanto, “a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas”. (p. 30).

mutila o corpo. E o corpo? Resiste, reintroduz o seu real, de onde sua potência desestabilizadora. O cu insiste.

Penso ser possível, ainda, evocar a noção de terrorismo anal (PRECIADO, 2009[2000]), enquanto terrorismo textual, para compreender o funcionamento da resistência num corpo que se textualiza, ou melhor, num cu que se formula, discursivamente, como texto. Emprestada a Roland Barthes, a aludida noção designa “[...] aquellos textos capaces de ‘intervenir socialmente’ [...]” (p. 138). O estatuto mesmo dessa intervenção reside na possibilidade de o texto exceder às leis de uma sociedade, ideologia ou filosofia, de maneira a instar a constituição de sua própria inteligibilidade sócio-histórica. Em se tratando desta reflexão, é o cu que se textualiza e intervém na discursividade do corpo: as políticas do/no corpo, o corpo no político se reescreve, metonímico-metaforicamente, desde a analidade; tensiona a “fixação” somática⁹, a partir da qual os bons sujeitos são chamados a se constituir e subjetivar. A dita “fixação” se sustenta na (re)produção de um corpo mutilado, ou melhor, na repetição do ritual de mutilação mais-silenciadora do cu, em sua significância. A materialidade do sujeito corresponde a um corpo-castrato. É que, na história, ou ainda desde o interdiscurso, a textualização do corpo se dá de maneira a naturalizar determinados sentidos, ou códigos, como quer Preciado (2017[2000]), tornar outros elípticos e eliminar outros; os dois últimos funcionamentos marcados pela intervenção do mais-silenciamento, acima caracterizado. Se a contrassexualidade, enquanto filosofia do corpo proposta por Preciado, tem como tarefa “[...] identificar os espaços errôneos, as falhas na estrutura do texto [...] e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado” (p. 27), então ela atua para e pela contradição, sobre aquilo de “real” que não cessa de não se inscrever numa formulação corporal-anal, mas que produz efeitos desestabilizadores na ordem do semântico.

Preciado (2017[2000]) elabora, assim, a falha como constitutiva da máquina heterossexual de produção dos corpos (aqui pensados em termos discursivos) e retoma a produtividade paródica das “brincadeiras ontológicas” enquanto espaço de transformação plástica, ou como leio, resistência a sentidos estabilizados no corpo dos sujeitos, cujo funcionamento potencializa a plasticização do semântico, conduzindo-o a sua heterogeneidade. Desde aí, destaco duas das práticas contrassexuais – propondo pensá-las em termos de significação – mencionadas por Preciado, quais sejam: a utilização de dildos e a erotização do cu. Partindo da noção derridiana de suplemento¹⁰, o dildo não suplementa, mas (res)significa,

⁹ Aqui, “fixação” remete ao ficto e ao fixo.

¹⁰ Para Derrida (2011[1967]), o suplemento não suplementa, mas produz aquilo que deveria completar.

produz deriva e zomba do discurso despótico de origem (o Falo)¹¹. Se, para Preciado (2017[2000]), o gênero se parece com o dildo, então é possível radicalizar sua tese no sentido de emprestar valor “díldico” à própria formulação metonímica do corpo. O cu, textualizando-se na formulação do corpo, significa o próprio corpo como um dildo para si mesmo.

Nesse sentido, se o cu é privatizado para que a realidade emergja em sua imaginária homogeneidade, ao ser significado pelo dildo, ele não é novamente apropriado, ou torna o corpo propriedade do sujeito que o formula, pelo contrário, ele desestabiliza o discurso da propriedade pela introdução do dildo: o cu emerge expropriando o corpo no significante e a memória se atualiza na forma como se conta, na formulação do texto. O cu, portanto, acuenta o corpo em seu real, isto é, na pele. É o encontro do que denomino memória fálica com o acontecimento efetuado em relação a uma formulação díldica. Tentarei avançar nesse ponto, a seguir, em alguns exemplos de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *Pajubá* (2017) constitui o primeiro álbum musical assinado por Linn da Quebrada. O lançamento ocorreu em 05 de outubro de 2017, a partir de financiamento coletivo realizado pelo site *Kickante*¹². O disco conta com 14 faixas, a saber: (Muito +) Talento (2:58); 2. Submissa do 7º Dia (3:35); 3. Bomba pra Caralho (2:13); 4. Bixa Travesty (2:38); 5. Transudo (3:32); 6. Necomancia *feat.* Gloria Groove (4:07); 7. Coytada (2:54); 8. Pare Querida (2:57); 9. Dedo Nucué *feat.* Mulher Pepita (4:02); 10. Enviadescer (4:06); 11. Pirigoza (2:52); 12. Tomara (3:06); 13. Serei A *feat.* Liniker (4:18); 14. A Lenda (3:18). As formulações de Linn, no aludido álbum, caracterizam-se, em geral, pelo que chamo “sujeira do significante”. Nas formulações de Linn, o discurso funciona sob a dispensa das “mediações” do politicamente correto, evocando a heterogeneidade, os atravessamentos do cotidiano de sujeitos periféricos, dentre esses: *drag queens*, *mc’s*, travestis, transgêneros e transsexuais, bichas, negras e negros etc.

¹¹ Preciado (2017[2000]) parte da noção de dildo significada como sexo plástico, que imita o pênis, compreendendo-a em sua genealogia, de modo a potencializar o sentido outro. Desde esse horizonte, o autor desnatura a evidência do significado em si, permitindo ler o dildo como suplemento, como tradução, enxerto, desconstrução, ou ainda, interpretação. Ao havermos a formulação como um gesto de interpretação em relação à memória, ela própria já se convola numa espécie de dildo, o que nos permite aproximar a noção derridiana de suplemento do conceito discursivo de formulação. Entretanto, como o escopo desta pesquisa é pensar a resistência, nos aproximaremos da proposta de Preciado, conforme a qual “A dildotectônica [contraciência do dildo se propõe a identificar as tecnologias de resistência [...] e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturas sexuais hétero e *queer*” (p. 49). Assim, sob o funcionamento da resistência, propomos a compreender a formulação díldica, *stricto sensu*, como exercício de atualização de uma memória fálica, pela inscrição do acontecimento no dito.

¹² Disponível em: <https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>.

Sujeitos que enunciam um corpo mutilado pelo silêncio, o que chamei corpo-castrato, marginalizado no dizer; sujeitos e sentidos moralmente subversivos, marcados pelo confronto entre o político e a cidade¹³. Além disso, há a presença de palavras do Pajubá (Bajubá, ou ainda bate-bate), como *chuca*, *neca*, dentre outras, que convocam o real híbrido do que Orlandi (2017) denomina língua brasileira, pondo em xeque as colonialidades incrustadas na ordem do dizer, que se dissimulam sob o manto da ideologia nacionalista, de onde se oficializa a língua portuguesa como língua imaginária.

Retomando o caminho teórico-analítico desenvolvido na sessão anterior, sintetizo alguns pontos: estou a pensar a relação entre memória e formulação, a partir da significação do corpo, tomado metonímico-metaforicamente, desde o cu. Nesse sentido, como desenvolvi, trata-se do encontro de uma memória fálica com o acontecimento dídico da formulação. A analidade comparece, então, no sentido da expropriação de um corpo privatizado pelo modo de produção capitalista, resistindo ao mais-silenciamento a partir do qual o cu é foracluído do social. Dessa maneira, chego a seguinte questão de análise: como o cu é significado nas formulações de Linn da Quebrada, pelas quais o corpo bixa-travesti se textualiza? Dito de outro modo, como se constitui o que chamo efeito-acuendação? Recupero, do que denomino “discurso pajubeiro”, a palavra “acuendação”¹⁴, para compreendê-la em termos conceituais, como efeito de um processo discursivo incidente sobre a textualidade do corpo. Passo à análise propriamente dita.

q. Mas pra que eu quero sua pica (q1)/Se eu tenho todos esses dedos (q2)

Na unidade discursiva *q1*, o cu se textualiza mediante um efeito de pré-construído, de maneira a fornecer, do “exterior”, sentido à formulação de um corpo com pênis, e estabelece, no que respeita a esse corpo, relação de oposição, pelo funcionamento discursivo da conjunção “mas”. Compreendendo *q1* em relação a *q2*, podem ser propostas as seguintes reescritas

¹³ Para historicizar a discussão sobre o Pajubá, v. tese de doutorado de Lima (2017), intitulada “Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade” publicada como livro pela Editora Devires. O autor formula a noção de “linguagens pajubeyras”, de maneira a pensar a subjetivação das travestis em relação às práticas de quetização, posteriormente estendida ao universo gay amplamente considerado. Neste texto, optei pela denominação “discurso pajubeiro”, em consonância com o dispositivo teórico (AD), a partir do qual assumo a posição-sujeito de pesquisador. O aludido discurso, partindo de Larissa Pelucio (2007), articula palavras ressignificadas da língua portuguesa com palavras provenientes do iorubá-nagô. A título de hipótese inicial, parece constituir, pela regularidade, uma formação discursiva, funcionamento que, em análise específica, pode e deve ser interpretado sob as lentes da AD, em trabalhos posteriores.

¹⁴ A palavra *acuendar* é significada, no discurso pajubeiro, como olhar, transar, paquerar; pegar, esconder. Neste texto, sem ignorar esses efeitos-sentido, pretendo produzir uma abertura ao sentido outro, pelo que se poderá havê-la como o efeito constituído por uma formulação dídica do corpo que atualiza uma memória fálica, mediante o funcionamento da resistência pelo corte metonímico-metafórico de uma textualização anal. Chamarei, então, “acuendações do corpo” as textualizações do cu nas formulações do corpo em Linn.

parafrásticas, com ênfase no funcionamento discursivo da conjunção “se”: “se eu tenho todos esses dedos, então para que eu quero sua pica?”/ “se eu tenho todos esses dedos, não preciso de sua pica”/ “se eu tenho todos esses dedos, não quero sua pica”/ “já que eu tenho todos esses dedos, não preciso de sua pica”. Os “dedos”, assim, desequivaletes à “pica”, substituem-na no prazer sexual da bixa-travesti, desestabilizando-se a eficácia do imaginário sobre esse corpo, imaginário em que ele está metonimicamente significado como um cu para dar, um cu para tomar¹⁵. Os dedos apontam o caminho do cu, fazem-se dildo à imagem e semelhança de deus, isto é, do significante mestre (o Falo).

r. Eu faço Necomancia

Em *r*, o neologismo “Necomancia” retoma, pela supressão paródica do “r”¹⁶, a significação de “neca” como pênis, do discurso pajubeiro, e estabelece relação com o sentido de “necro” que é significado como morte, ou ainda corpo morto. “Mancia” aponta para o sentido de magia, sobretudo se retomamos a palavra reescrita, qual seja “necromancia”, significada como magia que atua sobre um corpo morto, ou que estabelece relação com os espíritos desencarnados desse mesmo corpo. A supressão paródica do “r”, então, significa o pênis no lugar do corpo morto, ou ainda, anuncia a morte do pênis enquanto a morte parcial de um corpo fálico. A enunciação, em primeira pessoa do singular, assim, marca a identificação paródica do sujeito do discurso como nec(r)omante, como artífice da neca, alguém que com ela se comunica, ou ainda, como alguém que trabalha a magia da neca, ou de maneira mágica com ela. E a neca é, a um só tempo, necra. O efeito paródico do enunciado trabalha, assim, a neca sob a premissa fúnebre e pós-apocalítica de sua lápide: morte do deus-homem-falo, cujo vazio significante é vilipendiado pelo dildo usurpador. A nec(r)omante se traduz na maga dídica da neca morta.

s. Troquei os paus pelas mãos (s1)/ Aqui o buraco não é pra macho (s2)

Em *s1*, a palavra “paus” substitui parodicamente a palavra “pés”, reescrevendo a expressão popular “troquei os pés pelas mãos”, ou ainda “meti os pés pelas mãos”, que é significada como “atrapalhar-se”, “equivocar-se” em relação a algo, “tentar fazer algo além do

¹⁵ Cf. Paco Vidarte (2019[2007], p. 34), “O que o poder entende ser o cu da bixa não é o mesmo que uma bixa entende que é o seu cu. Para o poder somos paus no cu, cus sem eu, sem possibilidade, necessidade ou atitude para ter qualquer iniciativa política. Cus para dar, cus para tomar”.

¹⁶ A paródia é aqui concebida enquanto movimento entre sujeitos e sentidos, cujo trajeto desestabiliza a pretensa legitimidade de alguns sentidos em detrimento de outros. Sentidos e sujeitos paralelos, que não se identificam, recobrem ou coincidem, mas jogam entre si (ORLANDI, 2004[1996]). A paródia, ao invés de designar um gênero literário ou discursivo, brinca com a estrutura de dobra do sentido, desencobre-a pelo lúdico, não passando de um efeito-sentido, já que sua origem não é o sujeito intencional. Desse modo, partindo dos estudos de Jacqueline Authier-Revuz (2012[1990]) sobre as heterogeneidades do dizer, falarei em paródia autonímica.

alcance”. De modo semelhante, “não é pra macho”, em *s2*, reescreve, pela paródia, a expressão popular “aqui o buraco é mais embaixo” que é significada como “as coisas não são tão simples quanto aparentam”, ou ainda, “as aparências enganam”. Dessa maneira, “não é pra macho” atualiza a memória de modo a reunir o sentido de “as aparências enganam” ao sentido-outro, qual seja o de que o buraco em jogo não é o que aparenta, isto é, um cu que é dado à penetração àquele que é significado como impenetrável, isto é, o macho. Compreendendo a relação *s1/s2*, o buraco se dá não ao macho penetrante, que porta o pênis. Os “paus” são trocados pelas “mãos”. O buraco anal não está, como se impõe como evidente, para o pênis, mas para as “mãos”, portem elas pênis ou não. O corpo se dá ao corpo. As “mãos” significadas, no imaginário, pelo trabalho alienante, dão-se ao trabalho sexual anal.

t. [...] meu corpo, [...] minhas pregas (t1)/Sou eu mesmo quem fabrico (t2)

Em *t1*, a palavra “pregas” substitui a palavra “regras” constituindo paródia a enunciado presente no discurso feminista de apropriação do corpo, o qual nega o pré-construído de que a mulher é propriedade do homem, que circula, por exemplo, na marcha das vadias. O cu é metonimicamente convocado e metaforiza um corpo legislado. O corpo, parcializado nas pregas, é também significado como um espaço “regrado”, vigiado em seus sentidos, pela ordem do dizer. O jurídico-moral, então, que funciona no pré-construído patriarcal e no discurso feminista que a ele resiste (“regras”), traduz-se nas dobras do tubo epidérmico, ressemantizando um corpo que, em *t2*, é plástico e operável pelo próprio sujeito bixa/travesti. Parafrasticamente, é possível ler: eu mesmo fabrico meu corpo/ eu mesmo fabrico minhas pregas/ ...fabrico minhas pregas, como fabrico minhas regras...Mais uma vez, é a pele, como real do corpo, que se desvela em sua plasticidade dídica. Embora o funcionamento do pronominal “meu” esteja a acenar à propriedade, essa é tensionada, em suas regras, pelas pregas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho textualizou os primeiros gestos de análise, em sua versão ainda embrionária, das formulações de Linn da Quebrada, em seu álbum musical *Pajubá* (2017). Isso foi pensado em termos da tensão memória/formulação, aí supondo-se presente a oposição falo/dildo, trabalhada em relação ao funcionamento metonímico-metafórico do cu, tal como ele é significado nas ditas formulações e desde paródias autonímicas.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980 [1971].
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 19, p. 25-42, 3 nov. 2012[1990].
- COURTINE, J.J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011[1967].
- LIMA, C. H. L. **Linguagens pajubeyras**: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975[1955].
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007[1992].
- ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017[2012].
- ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004[1996].
- ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. **Série estudos**, v. 10, p. 9-16, 1984.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e texto**. Campinas, Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de E. P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015[1983].
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de E. P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PELUCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia sobre o modelo preventivo de aids. São Carlos: UFSCAR, 2007 (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em sociologia).
- PRECIADO, B. Terror Anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. In: HOCQUENGHEN, G. **El deseo homosexual**. Espanha: Melusina, 2009, pp. 134-74.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- QUEBRADA, L. da. **Pajubá**, Direção artística: Mc Linn da Quebrada, Direção musical: BadSista, 2017. 1 CD. Gravado: 08/ 2017 no Estúdio YB Music, São Paulo/SP.
- VIDARTE, P. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Tradução de Pablo C. Soto e Maria S. N. dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019[2007].